

A Maria Bonita no Lampião da Esquina – A Questão da Representatividade da Mulher Lésbica/lesbiana na Imprensa Alternativa dos Anos 1970¹

Sarah Pereira GOMES²

Joubert de Albuquerque ARRAIS³

Universidade Federal do Cariri – UFCA

RESUMO

Este artigo se propõe a apresentar um panorama analítico sobre a representatividade da mulher lésbica/lesbiana no Jornal Lampião da Esquina, publicação da imprensa alternativa dos anos 1970 de grande relevância cultural para a comunidade homossexual masculina. Contudo, questionamos a presença da mulher lésbica e seu movimento lesbiano, que, aos poucos, foi ganhando certa visibilidade em algumas das seções desse jornal. Em seus três anos de existência, o Lampião da Esquina abriu espaço para a construção e desconstrução de discursos minoritários, proporcionando visibilidade inédita às práticas sociais das minorias ao abordar críticas políticas envolvendo questões de sexualidade, gênero e raça em seus editoriais. Como proposto desde a sua primeira edição, o jornal alcançou, gradativamente, a inclusão das mulheres homossexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Alternativa; Jornalismo; Lampião da Esquina; Lesbiandade; Mulher Lésbica.

INTRODUÇÃO

O regime militar brasileiro, que ocorreu entre os anos de 1964 a 1985, foi caracterizado como o período político de maior censura e repressão aos direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos e das cidadãs na história recente do Brasil. O que se de encontro ao que, segundo Marshall (1967), compreende a cidadania nesses três direitos (civil, político e social), desrespeitados, inclusive atacados, durante a ditadura militar,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Autora. Estudante de Graduação 1º Semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri, email: sarahgoumes@gmail.com

³ Orientador. Professor efetivo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), vinculado ao Instituto Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Arte (IISCA) desta instituição, atuando no bacharelado em Jornalismo e membro do Observatório Cariri de Políticas e Práticas Culturais. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUCSP), com bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo (UFC) e mestrado em Dança (UFBA). Vínculo institucional. E-mail: joubert.arrais@ufca.edu.br

onde a comunicação foi utilizada como ferramenta de legitimação, ao mesmo tempo que motivo de luta pelo direito à comunicação.

Nesse período histórico, a década de 1970 tornou-se emblemática dessas censuras e repressões, como também de defesa das liberdades, principalmente, a de expressão. Assim, os anos 70 foram marcados pela atuação de novos movimentos sociais que lutavam contra a opressão em busca da liberdade de expressão, demandando espaços de participação e representação democrática.

Em termos de lutas identitárias, mulheres, homossexuais e negros foram alguns dos grupos que mais foram invisibilizados e que, por conta dessa situação, uniram-se numa luta coletiva, na medida do possível, em busca de igualdade e garantias de direitos civis. A contracultura norte-americana e a revolução sexual influenciaram fortemente essa investida em defesa das liberdades.

Dentre os grupos invisibilizados e em resposta aos enfrentamentos da Ditadura, a organização do movimento homossexual no Brasil passou a se organizar no final da década de 1970, diante de um sentimento de inconformismo face à forte repressão e o conservadorismo da época. Esses conflitos geraram um tipo de reivindicação pela subversão de valores sociais e foi na imprensa alternativa que esse movimento encontrou uma eficiente ferramenta de ação política como meio de divulgação.

UM JORNAL HOMOSSEXUAL ASSUMIDO PARA AS MINORIAS

Desde o seu surgimento, a imprensa nacional assumiu um papel relevante nas discussões políticas através da participação ativa em movimentos sociais que despontaram de acordo com a época; comprometendo-se a disseminar diferentes ideologias, posicionamentos e concepções, buscou a representação e criação de novos padrões de comportamento. Diante desse cenário, diversos impressos foram criados pelo território nacional e contribuíram com a ampliação dos debates.

Uma vez que nem toda a imprensa e profissionais se opuseram à ditadura, a censura não recaiu com a mesma intensidade sob todos os jornais e nem fez uso dos mesmos mecanismos de controle. Entretanto, as minorias oprimidas pelo regime conquistaram espaço nas mídias alternativas, que tiveram seu auge durante esse período político e permitiram visibilidade e resistência contra o preconceito. De acordo com Kucinski (2001), durante a ditadura civil-militar do Brasil, nasceram e morreram por volta de 150 periódicos conhecidos como imprensa alternativa ou “imprensa nanica”.

Eles tinham como característica em comum a oposição intransigente ao regime militar, do qual cobravam a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos.

Foi nesse contexto que, no fim do ano de 1977, Wiston Leyland, ativista e jornalista fundador da Gay Sunshine Press, de São Francisco (EUA), veio ao Brasil com o objetivo de organizar uma antologia de autores homossexuais latino-americanos. Ele mobilizou uma série de reuniões na casa do pintor Darcy Penteadado com homens homossexuais assumidos ligados ao campo da arte e do jornalismo. Lá surgiu a ideia de lançarem um jornal que destruísse a imagem-padrão que se faz do homossexual enquanto um ser noturno, marginalizado e insatisfeito com a sua condição de gênero.

Um ano depois, em 1978, nasceu o *Lampião da Esquina*. Era ano eleitoral, movido por promessas que reacendiam a esperança de uma abertura no discurso brasileiro e retorno dos exilados. Esse nascimento é tanto simbólico como estruturante: um periódico assumidamente homossexual, escrito por homens homossexuais, cumprindo um certo papel de ativismo quando buscavam dar visibilidade à diversidade cultural e política de uma comunidade, o público homossexual silenciado pela ditadura. Mais que isso, nascia um jornal que se comprometia a dar voz às minorias como um todo, incluindo mulheres, negros, índios, etc.

Com regularidade mensal nas bancas, o *Lampião* almejava discutir atualidade da comunidade e procurava esclarecer sobre o que vinha a ser, de fato, a experiência homossexual em todos os campos da “sociedade e da criatividade humana”, reivindicando não apenas se assumir e ser aceito, mas ser reconhecido e se reconhecer como seres humanos que têm todo o direito de lutar por sua plena realização. Era uma época antes da epidemia da AIDS/HIV e, nesse sentido, o jornal, mesmo que não propositalmente, preparou e muito a comunidade para o que ainda estava por vir ou que já acontecia, mas de modo invisibilizado e patologizado.

Criado e composto por um conselho editorial de 11 intelectuais homossexuais: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry, homens dispostos a sair e ajudar outras pessoas a saírem do gueto, convocam as mulheres lésbicas a participarem do jornal desde a sua edição nº 0, através da fala de Aguinaldo Silva sobre como a ausência no *Lampião da Esquina* não é por culpa do conselho editorial, uma vez que:

[...] convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição. Uma das questões que este jornal pretende levantar nesse jornal é a do feminismo, e pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem furtar, no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa, e independente de suas preferências sexuais. (LAMPÍAO, 1978a, ed. 0, p. 5).

O trecho acima questiona como também justifica a ausência da mulher. Sobre isso, vale ressaltar que o movimento feminista configurou-se, historicamente, como um espaço de luta das mulheres por sua emancipação. Sua primeira onda, conhecida como sufragismo, aconteceu apenas no final do século XIX, com a busca pelos direitos políticos. Mas foi com a segunda onda, nos anos 1960 e 1970, que surgiu o feminismo identitário, um movimento que ambicionava uma identificação de demandas comuns, sendo reconhecido pelas suas contribuições no campo intelectual, cultural e político, ao fornecer novas análises do patriarcado e cunhar o conceito de gênero. Foi nesse contexto que surgiu a lesbiana política, sua gênese política e politizada.

Nesse mesmo período, anos 1960 e 1970, a revolução sexual, que tornou esses anos históricos, concedeu visibilidade as práticas sexuais diversas e a emergência de outras vozes no e com o movimento homossexual, como já comentamos. Isso aconteceu com mais assertividade porque passaram a fazer o questionamento da heterossexualidade como ação compulsória e, concomitante, realizar a ressignificação da lesbiandade.

Para Lenise (2004), houve o encontro de mulheres com experiências cúmplices, junto com o rompimento do silêncio e da clandestinidade, fatos estes vitais para ser feita uma releitura da mulher na experiência lesbiana. Já Swain (2012) afirma que uma identidade não seria definida pelo “o lugar de fala social” da mulher lesbiana, mas, sim, seria um marco como um espaço crítico para desestabilizar o imaginário da heterossexualidade, hegemônico na sociedade.

O acúmulo de discursos, imagens e representações em torno do sexo e das sexualidades demarcaram os anos 1970 como um período de grande relevância histórica. Este fato se deu, principalmente, pela produção de corpos sexuados e identidades verdadeiras na sociedade (FOUCAULT, 1988). Pois o discurso, segundo esse autor, é uma ação que se engenha em contextos históricos, culturais e institucionais específicos, que dá sentido às práticas sociais e, com elas, constrói o mundo a nossa volta, o outro e nós mesmos em um local de privilégio.

De acordo com Spink (2010, p. 27), a prática discursiva é a linguagem em ação, a maneira a partir da qual “as pessoas produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas”. Na materialidade dos discursos lesbianos, a imagem lesbiana é construída. Esse processo de construção se faz entre as representações e as autorrepresentações, ou seja, como somos vistas pela sociedade e como nos vemos na sociedade. Desse modo, os movimentos lesbianos são atos políticos enquanto uma estratégia de significação que pontua e recria o imaginário em práticas sociais (LESSA apud WITTIG, 1992).

A MARIA BONITA NO LAMPIÃO DA ESQUINA

O jornal *Lampião da Esquina* seguia o formato de tabloide. Seu conteúdo era dividido em 07 seções: Opinião, Ensaio, Esquina, Reportagem, Literatura, Tendência e Cartas na Mesa. A partir da edição de nº 5, foi criada uma oitava seção, com o título *Bixórdia*. Esse modo de se organizar estruturava uma ação entre fronteiras e os nomes das seções são emblemáticas da ambição desse impresso como ação jornalística e comunicacional, ou seja, espaço para difusão de posicionamentos, denúncias, atrevimentos etc.

Assim, *Lampião da Esquina* construiu, em certa medida, um corpus jornalístico e linguístico para outras publicações que vieram a surgir nos anos 1990, como a *Revista Sui Generis*. Arriscamos dizer que muitas das gírias ditas gueis (gays) tem sua gênese e, particularmente, sua popularização nas palavras impressas dos homossexuais escritores e também ativistas da comunidade homossexual, ousando-se dizer em palavras e imagens uma sociedade em processo de mudança que evidenciava muitas incompreensões e violências num período ainda pré-identitário que foram os anos 1970.

Em sua edição nº 01, a seção de “Opinião”, escrita pela colaboradora Mariza e intitulada *Nossas gaiolas comuns*, discute o silêncio e o silenciamento histórico das mulheres, dos negros, dos homossexuais e dos índios, apontando como necessária a iniciativa de tornar visível o “que todos veem mas que permanece nas sombras, de nomear em voz alta o que todos conhecem mas sobre o que se calam” ocorrendo nos bares, cinemas, universidades, jornais alternativos e na vida. Ou seja, não foi mera opinião individual, mas um dar a ver esses silenciamentos e invisibilidades.

Não à toa que os emblemáticos anos 1970, no contexto brasileiro, foram responsáveis por uma tomada de consciência dos movimentos sociais, que se viram

mobilizados a ser reorganizar, inclusive o feminista e o lésbico, pensando a condição da mulher e das diversidades. Pautando-se na influência do filósofo Michel Foucault, apropriaram-se das noções de gênero, apresentando o político como o pessoal nesse debate, direcionando suas discussões em torno da liberdade da mulher. Nesse período, por exemplo, as mulheres lésbicas passaram a reivindicar um olhar feminista para suas diferenças e a inclusão de suas pautas na agenda política do movimento, dando-lhe visibilidade.

Tanto que, na seção “Cartas na Mesa”, o jornal apresentou, já na edição nº 2, a carta da leitora intitulada Rose R. do Rio. Identificando-se como uma semi-jornalista e leitora ávida de todos os periódicos da imprensa nanica, Rose agradece e elogia o surgimento do Lampião da Esquina. Entretanto, faz a ressalva contundente de que as mulheres:

[...] estão praticamente alijadas do LAMPIÃO. Esta é uma grande falha dos jornais gueis. Ora, bolotas, vou acabar encabeçando um movimento e fundando o jornal “Maria Bonita” (será que até entre nós, já tão vilipendiadas, existe a tal discriminação?), cujo slogan será: “Menino não entra”. Fica lançado o desafio. Ou nós entramos na jogada ou “Maria Bonita” entrará em cena para apagar o fogo de LAMPIÃO. (LAMPIÃO, 1978, ed. 2, p. 14).

Ainda nesta segunda edição, nasce Rafaela Mambaba, mas em outra seção, a “Esquina”. Esta personagem fictícia foi criada pelos editores do jornal e se fez conhecida por seus comentários mordazes. Posteriormente, foi acusada de ter sido inventada para mostrar o lado descontraído do conselho editorial, criticado pela falta de humor. Um primeiro passo para o jornal se abrir para questões da mulher, mesmo que ainda implicitamente ou sobre esse suposto pretexto humorístico, o que nos faz lembrar que muitos homossexuais assumidos e ativistas tinham nomes de guerra feminino.

Mas foi na sua edição nº 3 que o Lampião da Esquina se posiciona em prol das mulheres, quando apresenta em sua capa as primeiras mulheres na redação. Foram elas: Lúcia Rito e Zsu Zsu Vieira. Na seção “Opinião”, Lúcia publicou *Do Regina Coeli às coisas da vida* sobre o tempo de colégio de freiras em que falar sobre sexo era proibido. Enquanto Zsu Zsu Vieira escreveu sobre “A doença infantil do machismo”, no qual a autora se define como “militante, mulher por nascimento e vocação”. Além destes dois textos, o jornal entrevistou a atriz Norma Bengell, que “(apaixonada, furiosa, terna, indignada)”, declarou não querer morrer muda ao fazer uma denúncia ao sexismo do diretor Daniel Filho durante a gravação da novela *Dancing Days* (TV-Globo) e uma

crítica ao poder sexista e falocrata, referindo ao tratamento constrangido e heteronormativo por parte do diretor denunciado.

A partir da edição nº 4, surge na seção “Esquina”, o quadro *Quando as mulheres respondem*, para atender a proposta inicial do jornal de dar voz às minorias e questionar as estruturas por trás das opressões, a princípio entrevistando Naumi Vasconcellos, sexóloga e autora dos livros “Os Dogmatismos Sexuais” e “O comportamento sexual brasileiro”, e Heleith Saffioti, professora da cadeira de Sociologia na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Araraquara, autora dos livros “Profissionalização feminina: Professoras primárias e Operárias” e “A mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade”.

Na edição nº 5, *Cassandra Rios ainda resiste, com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever* é capa. Entrevistada por Mirian Paglia Costa, Maria Adelaide Amaral, Darcy Penteadó, Marisa Correia, João Silvério Trevisan e Glauco Mattoso, a escritora lésbica foi considerada uma bruxa perseguida, bruxa de acordo com a ressignificação que as feministas deram ao termo, enquanto mulher que se rebelou contra os padrões socioculturais impostos. Nessa mesma edição Leila Miccolis começa a escrever sobre literatura na seção “Tendências” e Rafaela Mambaba apresenta a seção “Bixórdia”, explicando o termo como:

[...] s.f; em machés, palavra originária de bicha, s. i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas? (LAMPPIÃO, 1978, ed. 5, p. 12).

Lecy Brandão, cantora e compositora da MPE, música popular entendida, que ficou famosa como uma das porta-vozes do “povo guei brasileiro” conversou na edição nº 6 com José Fernando Bastos e Antônio Chrysóstomo na seção “Reportagem” sobre a sua tríplice condição de mulher, negra e homossexual, declarando que o sistema “descobriu uma coisa: guei a agora vende, dá bom lucro”.

Com a participação das mulheres ainda em baixa no Lampião da Esquina, Leila Miccolis usa da seção “Esquina” da edição nº 10 para criticar através do texto *Lésbicas vendem jornal?* uma matéria de quatro páginas do jornal O Repórter sob o título “Lésbicas metem o pau na repressão” de cunho erótico e sensacionalista, apresentando

as mulheres lésbicas como vazias, fúteis e alienadas com o objetivo de vender mais jornais.

Nesta mesma seção e edição, Aguinaldo Silva faz um adendo explicativo ao texto de Leila, criticando a ausência das mulheres lésbicas no *Lampião da Esquina* e convocando-as a publicar, em grupo, uma matéria sobre a lesbianidade para o jornal. Solicitando que:

[...] pautem a matéria, façam as entrevistas, escrevam, botem tudo, e depois nos mandem. Nós publicaremos sem reescrever, sem cortar coisas, sem policiar. Tomem vergonha na cara e assumam esse compromisso, meninas: ponham o medo de lado e aceitem o fato de que o jornal é nosso, ou seja: também é de vocês. (LAMPPIÃO, 1979, ed. 10, p. 2).

Na edição nº 11, *Lesbianismo, machismo, aborto, discriminação: são as mulheres fazendo política* é capa do *Lampião da Esquina*. Sendo mencionada na seção “Esquina” por Aguinaldo Silva sob o título de “Extra! Mulheres chegam para ficar”, a manchete anuncia uma reportagem a ser publicada na próxima edição por um “grupo enorme de mulheres”. Neste texto, o jornalista explica que foi propositalmente grosseiro em prol de mobilizar a participação feminina no periódico, uma vez que este buscava uma matéria sobre lesbianidade feita por mulheres, pois:

[...] as mulheres homossexuais não devem continuar nessa de achar que, se a barra delas é mais pesada, o negócio é aceitar isso pura e simplesmente, e silenciar; elas devem é partir para conquistar, centímetro por centímetro, todo o espaço que lhes foi reservado na atual conjuntura, e dele não arredar pé, já que essa é a única maneira concreta de evitar que a barra continue pesando, ou pese mais ainda. (LAMPPIÃO, 1979, ed. 11, p. 2).

Um ano após a criação do *Lampião da Esquina*, em maio de 1979, mês das mães e das noivas, as mulheres lésbicas chegam ao jornal em sua edição nº 12 com a capa “AMOR ENTRE MULHERES: (elas dizem onde, quando, como e porquê)”. É na seção “Reportagem”, que essas mulheres iniciam um texto sob o título de “A quem interessar possa”, em que declaram que:

Apesar de, durante muito tempo, termos apenas uma carta de memória para algum dia mandar ao jornal;
Apesar de, durante muito tempo, termos apenas comprado o também nosso jornal – e tentado divulgá-lo entre os mais próximos;
Apesar de, durante muito tempo, termos adiado o desejo de encontrar algumas mulheres para conversar sobre nós;
Apesar de nosso medo, receio de nos expor.

Há pesar de nossa ausência num veículo de discussão, de debate e de circulação de ideias de uma questão sempre restrita às páginas policiais – ou, quando tratadas “seriamente”, sempre etiquetada de secundária.

Por isso, apesar de... nós, um grupo de mulheres homossexuais, conseguirmos arranjar um tempinho (sempre se arranja, né?) para falar e escrever sobre a nossa homossexualidade.

É evidente que a sua (ainda) ausência já se fez sentir. Contudo, acreditamos que você vai se sensibilizar não apenas com o nosso esforço mas principalmente porque vai ter coisas mais a dizer, a discutir e... dará as caras.

Nós estamos chegando atrasadas no Lampião.

Mas...

Nós também estamos aí. (LAMPIÃO, 1979, ed. 12, p. 7)

ENTRANDO EM CENA, PEDINDO A PALAVRA E DESCENDO O VERBO

“Nós estamos atrasadas porque existimos, mas sempre abdicamos de existir. [...] Porque temos medo, receio, cagaço mesmo de viver o que somos.”, é assim que se desenvolve o começo do primeiro texto das mulheres homossexuais no Lampião da Esquina sobre a ausência o atraso da participação lésbica no jornal, produto do machismo e da lesbofobia que condenou essas mulheres à clandestinidade.

Formado por mulheres do Grupo Somos de Afirmação Homossexual, do Grupo Eros e outras independentes, 25 lésbicas conscientes da repressão que sofrem através de diferentes mecanismos em todos os âmbitos da sociedade, apontam que a repressão perpassa todas as esferas do existir da mulher e, no caso da mulher homossexual, a sexualidade é motivo suficiente para que a repressão se duplique.

Apesar do atraso de um ano, as mulheres lésbicas entram em cena, pedem a palavra e descem o verbo, em seguida, parafraseiam Caetano e metem o cotovelo para abrir caminho. É a primeira vez na história do Brasil que um grupo de mulheres homossexuais se reúne para falar e escrever a cerca da homossexualidade feminina, até então esquecida, negada e renegada por não se submeter a divisão de papéis imposta por uma sociedade machista e lesbofóbica. “Nós estamos atrasadas, mas ninguém melhor do que nós para lutar contra a opressão a que estamos submetidas.”

Até então, a imprensa e os movimentos feministas do País não haviam discutido as mulheres homossexuais. O mais próximo que as feministas chegaram de contemplar a pauta das mulheres lésbicas foi declarar que a sexualidade feminina não devia ser vista apenas como a serviço da reprodução na Carta dos Direitos da Mulher.

Invisibilidade que provocou nessas mulheres a iniciativa de procurar entender a repressão que as cerca, as submete, as autoreprime e as culpabiliza. *Não somos anormais* é o segundo texto publicado sobre a erotização, patologização e repressão da vida sexual da mulher lésbica. Acompanha o objetivo do *Lampião da Esquina* de destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual ao defender o direito ao prazer homoerótico e desmistificar a relação sexual entre duas mulheres, “as lésbicas, portanto, têm muito o que fazer na cama. As técnicas individuais variam, em função da sexualidade de cada pessoa.”

É com a pergunta *Então, por que tanta repressão?* que se anuncia o terceiro texto e a discussão popular sobre ser mais fácil ser lésbica que ser bicha, pois:

mulheres podem se dar as mãos na rua, até andar de braço dado, porque as famílias permitem que as meninas durmam com as amiguinhas, enquanto isso é proibido aos meninos. A expressão da homossexualidade, entretanto, é sempre difícil. Mas parece evidente que os homossexuais já conquistaram mais amplos espaços do que as mulheres homossexuais. Pelo menos espaço público. Está aí o *Lampião*, que não nos deixa mentir: só depois de um a, de batalha, à exceção de algumas cartas, as mulheres homossexuais começam a aparecer. (LAMPPIÃO, 1979, ed. 12, p. 9).

Entretanto, para essas mulheres a repressão tem várias formas de se manifestar e é sentida diferentemente pelas pessoas, de modo que ao invés de discutirem qual gênero sofre mais repressão, apresentam o relato de duas mulheres homossexuais, uma secretária e uma estudante que trabalha com programação, que ilustram o alcance da repressão familiar, social, profissional, psiquiátrica, sexual e amorosa na classe.

Por fim, as mulheres declararam através do título do quarto texto que só querem ser entendidas. Entendidas enquanto sujeito, enquanto seres sexuais invisibilizados e demonizados, enquanto mulheres marginalizadas. Elas só querem ser entendidas e amar sem temer.

CONSIDERAÇÕES

Através da imprensa alternativa, se desenvolveu a produção de um discurso politizado e politizador referente às questões de gênero, raça e sexualidade, garantindo direitos, representação e autorepresentação a grupos até então reprimidos e invisibilizados. O *Lampião da Esquina* (1978-1981), pioneiro na abordagem da homossexualidade explícita por um viés político na imprensa, deu materialidade a

corpos sexuados e identidades verdadeiras, exercendo papel determinante na construção de uma “cultura gay” e de uma cultura de resistência.

Ao contestar os valores sociais do regime em vigor no País, o Lampião da Esquina gerou uma revolução sexual e deu voz às minorias. O Jornal cumpriu com sua proposta inicial de sair do gueto e destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual ao apresentar novas possibilidades de existência e resistência. O periódico conseguindo ainda ressignificar termos até então utilizados de forma pejorativa contra a comunidade LGBT, como “bicha” e “lésbica”.

Em seus três anos de existência, o Lampião da Esquina abriu espaço para a construção e desconstrução de discursos minoritários, proporcionando visibilidade inédita às práticas sociais das minorias ao abordar críticas políticas envolvendo questões de sexualidade, gênero e raça em seus editoriais.

Como proposto desde a sua primeira edição, o Lampião da Esquina alcançou, gradativamente, a inclusão das mulheres homossexuais. Apenas na décima segunda edição, um ano após o lançamento do jornal, se deu o primeiro passo para tratar a lesbiandade como um modo de amar e viver natural, rompendo padrões de comportamento e subvertendo valores.

REFERÊNCIAS

BORGES, L. S. Feminismo e lesbianismo. *Fazendo Gênero*, Goiânia, ano XVIII, n. 20, p. 1, jul.-out. 2004. Disponível em: <<http://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Feminismo-e-lesbianismo-Ed.-N%C2%BA-20-2.pdf>> Acesso em: 01 mai. 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf> Acesso em: 03 mai. 2018.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed., revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2001. Disponível em: <http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf> Acesso em: 01 mai. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, abr. 1978a. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/01/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-19781.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio/junho. 1978b. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio/junho. 1978b. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, junho/julho. 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, julho/agosto. 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/07-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-03-JULHO-AGOSTO-1978.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, agosto/setembro. 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/08-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-04-AGOSTO-SETEMBRO-1978.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, outubro. 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, novembro. 1978. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/10-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-06-NOVEMBRO-1978.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, março. 1979. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/14-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-10-MARCO-1979.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 11, abril. 1979. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/15-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-11-ABRIL-1979.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2018.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, maio. 1979. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/16-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-12-MAIO-1979.pdf>> Acesso em: 24 abr. 2018.

LESSA, P. LESBIANAS EM MOVIMENTO: A CRIAÇÃO DE SUBJETIVIDADES (BRASIL, 1979-2006). 261 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3411/1/Tese_Patricia%20Lessa.pdf> Acesso em: 03 mai. 2018.

MARSHALL, T. H. Cidadania, Classe Social e Status (1967). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/999642/mod_resource/content/1/MARSHALL%2C%20T.%20H.%20Cidadania-Classe-Social-e-Status.pdf> Acesso em: 01 mai. 2018.

SPINK, M. J. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Cap. II, A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação. p. 26-37. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/w9q43/pdf/spink-9788579820465-04.pdf>> Acesso em: 04 mai. 2018.

SWAIN, T. N. Feminismo e prática sexuais: quais os desafios? 2002. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/feminismo%20lesb.htm>> Acesso em: 03 mai. 2018.